

A TURMA DE F.H.

Grupo que acompanha Fernando Henrique há mais de dez anos terá influência decisiva

CIDA FONTES

BRASÍLIA — O círculo pessoal do novo presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, será dividido basicamente em dois grupos: os paulistas, que sempre acompanharam sua trajetória intelectual e política, e o de Brasília, formado por auxiliares que, desde 1983, seguem seus passos na Capital Federal. Ocupando cargos no Ministério ou posições de destaque no Palácio do Planalto, esses colaboradores têm em suas biografias um traço comum: são filiados ao PSDB e mantêm uma estreita e antiga relação pessoal com Fernando Henrique. São políticos, professores, economistas e funcionários, reconhecidos como peças estratégicas no governo.

Além desse grupo, que há mais de uma década convive com o presidente, sua mulher, a antropóloga Ruth Cardoso, terá presença marcante no governo, apesar de não assumir formalmente qualquer cargo. Ruth trabalhou na campanha com o grupo que definiu propostas de reformulação da área social e continuará, discretamente, dando o tom das políticas para o setor.

Também sem cargo no governo federal, o deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA) permanecerá como um dos principais interlocutores do presidente, acesso garantido ao longo da campanha eleitoral. Juntamente com os governadores Tasso Jereissati (PSDB-CE) e Antônio Britto (PMDB-RS), e o presidente do PSDB, Pimenta da Veiga, o pefelista terá trânsito livre e deverá atuar como um dos conselheiros políticos de Fernando Henrique.

Os paulistas, que constituem o maior núcleo de auxiliares do Planalto, acompanham Fernando Henrique pelo menos desde 1982, quando o grupo chegou ao poder com a eleição de Franco Montoro para o governo de São Paulo. Suplente de Montoro, Fernando Henrique assumiu sua vaga no Senado em Brasília. Ali conheceu funcionários de carreira da casa que, imediatamente, se agregaram aos paulistas e se constituíram no grupo influente do senador paulista. Esse pessoal continuará a seu lado, com funções específicas e como peças-chave do governo.



Ruth Cardoso

Antropóloga, nascida em Araquara, a mulher do novo presidente tem 64 anos e pretende fugir ao estilo convencional das primeiras-damas. Quem conhece Ruth Cardoso afirma que ela terá papel relevante na execução das políticas do governo na área social, que ajudou a formular na fase de transição. Participou, inclusive, do grupo de estudo que decidiu a extinção dos ministérios da Integração Social e do Bem-Estar Social e a criação do programa Comunidade Solidária, para atender a população carente.

Ruth Cardoso tem extenso currículo na área acadêmica, com experiência no Brasil e no Exterior. É integrante da equipe de pesquisadores do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) de São Paulo, onde coordenou pesquisas relacionadas com movimentos sociais, políticas de promoção da participação popular e juventude.

Com uma série de trabalhos publicados, Ruth pretende manter a discricão que vem demonstrando desde o lançamento da candidatura de Fernando Henrique. Na campanha, quando ousou falar em política teve atritos com o PFL, depois contornados pelo marido. Fernando Henrique reconhece na mulher uma personalidade forte, com idéias próprias e capacidade intelectual. "Ela nunca misturou sua vida intelectual com a vida política", avisa o próprio Fernando Henrique.

Vidal Cavalcante/AE—20/10/93



Vidal Cavalcante/AE—20/10/93

Amigo de Fernando Henrique, acompanhou a definição e implantação do Plano Real, como presidente do Banco Central. Agora, comandará no cargo de ministro da Fazenda a política econômica do governo, junto com José Serra.

Carioca, 51 anos, Pedro Malan é engenheiro com mestrado e doutorado em Economia pela Universidade da Califórnia. Com vasta experiência na área econômica e no relacionamento com o mercado internacional, foi um dos principais negociadores da dívida externa brasileira no governo Collor.

Nos anos 70, Malan presidiu o Instituto de Economia do Rio e exerceu vários cargos no Exterior, na Organização das Nações Unidas (ONU), no Banco Mundial e no Bando Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Importante formulador econômico no Congresso, Serra foi constituinte pelo PMDB, destacando-se na Comissão do Sistema Tributário, Orçamento e Finanças, sua especialidade. Considerado competente, austero, disciplinado e metódico, Serra não tem hora para convocar assessores para o trabalho. Notívago, costuma fazê-lo até mesmo de madrugada.

É amigo do presidente eleito desde os anos 60, quando reencontrou o ex-professor no exílio, no Chile. Ex-militante da Ação Popular (AP), era presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE) antes do golpe de 1964 e só voltou ao Brasil com a anistia, em 1979. Em 1982, foi secretário de Planejamento do governo Montoro, quando começou a consolidar a carreira política. Cotado para o Ministério desde o governo Tancredo Neves, só agora, com a eleição de Fernando Henrique, concretiza a aspiração. Um dos fundadores do PSDB, foi líder do partido na Câmara até o ano passado.

No governo Sarney, foi chefe do cerimonial do Palácio do Planalto, para onde volta com o novo governo. Carioca, 54 anos, Júlio Cesar já serviu em Londres, Nova York e Montevideu. No Itamaraty, sua carreira sempre esteve ligada ao setor de promoção comercial. O embaixador soube conquistar a amizade não só de Fernando Henrique, como também de sua família, principalmente de Ruth Cardoso.



Ana Tavares de Miranda

Assessora de imprensa de Fernando Henrique Cardoso desde 1985, a jornalista Ana Tavares de Miranda comandará a Secretaria de Imprensa e Divulgação do Planalto no novo governo.

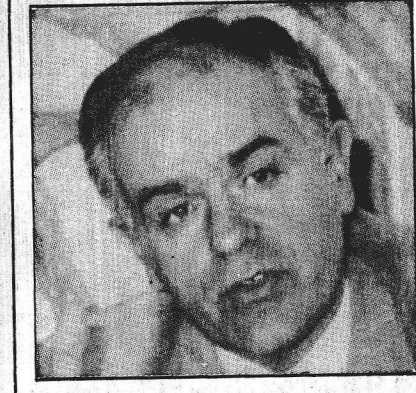
Amiga dileta e auxiliar de total confiança do presidente, Ana Tavares trocou São Paulo por Brasília para acompanhar passo a passo as atividades de Fernando Henrique, primeiro no Congresso Nacional, depois no Itamaraty e no Ministério da Fazenda.

A convivência com Fernando Henrique Cardoso e a experiência com os jornalistas foram importantes para que a assessora pudesse equilibrar a transmissão das informações na trajetória do senador.

Ela acompanhou de perto a campanha presidencial e fez todas as viagens ao lado do candidato. Continuará trabalhando no atendimento à imprensa, mas sem assumir a função de portavoz do novo presidente.

Além de Eduardo Jorge, ela é a única que tem liberdade para interromper uma conversa reservada e dar um recado importante ao chefe. Os dois também são os únicos assessores que estão autorizados a abrir correspondências com carimbo de confidencial. O convívio pessoal se estende à família de Fernando Henrique, com quem Ana Tavares mantém uma sólida amizade.

Evandro Matheus/AE—11/10/94



Evandro Matheus/AE—11/10/94

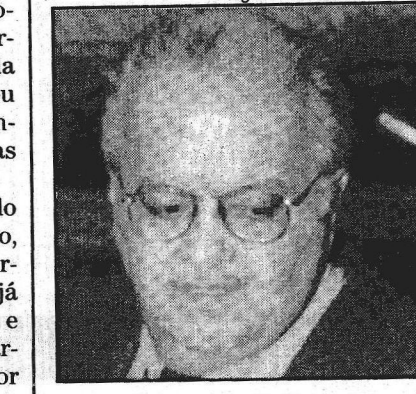
Na condição de presidente do PSDB, o ex-deputado Pimenta da Veiga se aproximou de Fernando Henrique Cardoso durante a campanha eleitoral, assumindo inclusive a coordenação política.

Chegou a ser convidado a integrar o Ministério, mas recusou a oferta. Ainda assim, continuará tendo livre acesso junto ao novo presidente, opinando sobretudo nas questões políticas envolvendo a base de apoio do governo no Congresso Nacional.

Pimenta da Veiga foi deputado constituinte e um dos fundadores do PSDB. Foi eleito prefeito de Belo Horizonte em 1988 e deixou o cargo para disputar o governo do Estado. Derrotado, foi substituído na prefeitura por Eduardo Azeredo, que toma posse neste domingo como governador de Minas.

Pimenta recusou cargos no novo governo, mas seu cacife junto ao presidente foi suficiente para conseguir espaço para a nomeação de três mineiros no primeiro escalão. O presidente do PSDB patrocinou pessoalmente a escolha de um deles, Dorothea Werneck.

Sérgio Amaral/AE—24/5/94



Sérgio Motta

A exemplo de José Serra, Motta militou na Ação Popular (AP) e desfruta de amizade e prestígio

junto a Fernando Henrique. Considerado homem forte do governo, o empresário e secretário-geral do PSDB controlou as finanças da campanha e, com o título de "coordenador operacional", deu palpites rigorosamente em tudo.

Personalidade forte, estilo franco e brinçalhão, sem papas na língua, participou ativamente da transição, inclusive opinando sobre a escolha dos ministros e auxiliares do presidente. Ex-diretor da Eletropaulo, foi designado para o Ministério das Comunicações com o apoio do PFL de Antônio Carlos Magalhães que, nos últimos anos, controlou a pasta.

Engenheiro e dono da empresa de projetos Hidrobrasileira, trabalhou na campanha de Fernando Henrique para a prefeitura de São Paulo em 1985. É sócio do presidente numa fazenda em Burtitis, no interior de Minas. Foi cogitado para o Ministério das Minas e Energia no início da transição.



André Dusek/AE—24/5/93



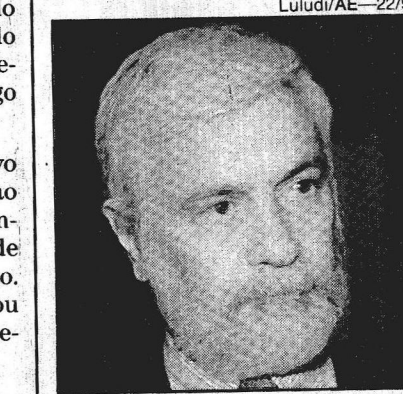
Clóvis Carvalho

Ocupará a chefia do Gabinete Civil, ficando responsável pela articulação com os ministérios. Chamado de "o meu segundo" pelo próprio Fernando Henrique, Clóvis Carvalho é amigo íntimo também de José Serra (agora no Planejamento) e de Sérgio Motta, responsáveis pela sua nomeação para a Secretaria Executiva do Ministério da Fazenda na gestão de Cardoso. Ajustou-se como uma luva ao estilo do chefe, pela objetividade, disciplina e organização, algumas de suas características.

Foi um operador obstinado do Plano Real e conquistou espaço na equipe econômica. Engenheiro, formado pela Escola Politécnica da USP, Clóvis Carvalho tem experiência na iniciativa privada, tendo ocupado a vice-presidência das Indústrias Villares. Trabalhou no governo Montoro ao lado de Serra, como secretário-adjunto da Secretaria do Planejamento.

Tem relações estreitas com Eduardo Jorge Caldas, com quem formará a principal dobradinha do Planalto. Na Fazenda, foi um dos principais responsáveis pela conclusão da renegociação das dívidas dos governos estaduais e municipais com a União.

Luludi/AE—22/9/94



Luludi/AE—22/9/94

Filiado ao PSDB, o economista Edmar Bacha se notabilizou, no cargo de assessor especial do Ministério da Fazenda na gestão de Fernando Henrique Cardoso, como um dos principais negociadores da aprovação da URV e do Plano Real no Congresso, revelando astúcia política.

Bacha, a quem o presidente eleito chama de "senador", ocupará a presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Foi um dos responsáveis pela criação do Fundo Social de Emergência, uma das primeiras medidas que o então mi-

nistro da Fazenda adotou no plano de estabilização econômica.

Chegou a ser cotado para o Ministério da Fazenda no início da transição, mas insistiu na idéia de voltar ao Rio de Janeiro, onde mora sua família e onde foi professor na Pontifícia Universidade Católica (PUC). Além de muito ligado a Fernando Henrique, Bacha tem excelentes relações com os futuros ministros Pedro Malan (Fazenda) e José Serra (Planejamento).

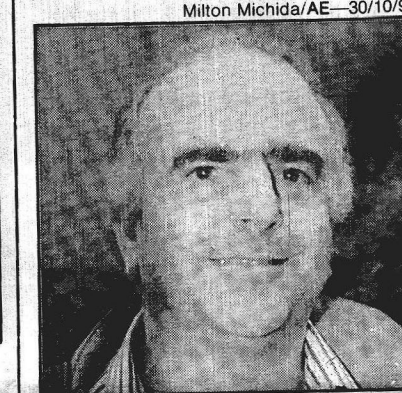
Eduardo Graeff

Sociólogo, trabalha com Fernando Henrique há mais de 11 anos. Disciplinado e discreto, Graeff continuará sendo o ghost-writer que escreve os discursos do chefe e comandará a secretaria parlamentar do presidente. Gaúcho, morou muitos anos em São Paulo, onde ainda reside sua mulher e filhos.

Na Universidade de São Paulo (USP), fez mestrado em Ciências Políticas. O professor se chamava Fernando Henrique Cardoso e a convivência entre os dois começou nessa época. Trabalhou como voluntário na campanha de Fernando Henrique para o Senado e depois no gabinete de Brasília.

Quando assumiu a Fazenda, Fernando Henrique o nomeou para chefiar a assessoria parlamentar e acompanhar os projetos do Ministério no Congresso Nacional. Na campanha, coordenou a assessoria técnica formada por um grupo de profissionais que trabalhou em pesquisas, artigos e discursos do candidato.

Milton Michida/AE—30/10/94



Milton Michida/AE—30/10/94

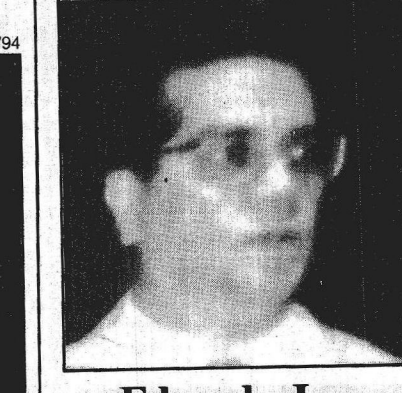
Paulo Renato Souza

Desde o início da campanha, era considerado um curinga, podendo ocupar qualquer posição no Ministério. Inicialmente, foi cotado para a Educação, depois para a Fazenda e, por último, para o Planejamento. Mas acabou mesmo na Educação, depois da nomeação de Serra para o Planejamento.

Foi coordenador do programa de governo de Fernando Henrique na campanha e da equipe de transição, tornando-se um dos principais consultores do presidente eleito. Gaúcho, formou-se em economia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas obteve notoriedade acadêmica e administrativa em São Paulo.

Filiado ao PSDB, conviveu com Fernando Henrique e José Serra no Chile, onde fez mestrado. Na volta ao Brasil, deu aulas na Unicamp, tornando-se depois reitor até 1990. Assumiu a assessoria da Secretaria de Planejamento de Franco Montoro e foi seu secretário de Educação. Antes de entrar na campanha eleitoral, foi gerente de operações do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em Washington.

Dida Sampaio/AE—9/11/94



Dida Sampaio/AE—9/11/94

Eduardo Jorge Caldas Pereira

Escolhido para a Secretaria-Geral da Presidência da República, o economista Eduardo Jorge Caldas Pereira será uma espécie de gerente do Palácio do Planalto no novo governo. Tornou-se o braço direito de Fernando Henrique Cardoso há 11 anos, quando ele assumiu a vaga de Franco Montoro no Senado.

Com mestrado em administração pública em Albany, nos Estados Unidos, foi um dos principais responsáveis pela montagem do sistema de informatização do Senado, antes de trabalhar com Cardoso. Reservado e formal,

desfruta de total confiança do chefe, conhecido pela fama de pão-duro e pela aversão em lidar com dinheiro. É Eduardo Jorge quem cuida de suas contas e controla o talão de cheques.

Funcionário de carreira do Senado, o novo secretário-geral da Presidência teve papel estratégico na campanha de Fernando Henrique: coordenou o setor de pesquisas de opinião e análise das informações que orientaram a preparação do programa de governo, a campanha eleitoral no rádio e na televisão e a condução pessoal do candidato.

Foi peça-chave na equipe de transição, em especial na discussão da reforma administrativa. É um dos poucos assessores que, mesmo depois da eleição, continuou a despachar diariamente com Fernando Henrique, e foi um dos primeiros a insistir para que ele se candidatasse.

Clóvis Cranchi Sobrinho/AE—17/6/94



Clóvis Cranchi Sobrinho/AE—17/6/94

O economista Pêrsio Arida, 42 anos, deixa a presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para assumir a presidência do Banco Central. Foi um dos formuladores do Plano Real, juntamente com o colega André Lara Resende, que deixou o governo no final de 1993.

Formado em economia pela Universidade de São Paulo (USP), também dividiu com Lara Resende a autoria do Plano Cruzado em 1986, no governo Sarney, quando ocupou os cargos de secretário de coordenação econômica e social do Ministério do Planejamento. Considerado um economista brilhante, é professor da USP e da PUC do Rio, de onde saiu a maioria da equipe econômica.

Francisco Graziano

A proximidade com o presidente eleito levou Francisco Graziano, um agrônomo paulista com doutorado em administração de empresas pela Fundação Getúlio Vargas, ao cargo de secretário particular. Com 41 anos, ele tem trânsito livre junto ao presidente, com quem começou a trabalhar em 1985, como responsável pela campanha ao Senado no interior de São Paulo.

Filiado ao PSDB, integra o diretório estadual do partido. Seu irmão José foi um dos principais assessores da campanha presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva neste ano. Graziano é também um dos fundadores do Instituto de Formação Política do diretório paulista do PSDB.

Eleito senador, Fernando Henrique o convidou para chefiar seu escritório político em São Paulo. Quando Cardoso assumiu a Fazenda, transformou-o em chefe de gabinete do ministério na capital paulista. Uma das pessoas chaves na campanha eleitoral, cuidou da agenda do candidato, das visitas aos Estados e, ao lado de Ana Tavares, tinha assento cativo no jatinho de Fernando Henrique.

Maria Delith Balaban

Funcionária de carreira do Senado, Delith trabalha com Fernando Henrique desde 1983 em Brasília, quando assumiu a chefia de seu gabinete no Senado e tornou-se seu braço direito. Quando o senador foi eleito líder do PMDB na Assembleia Nacional Constituinte (1987-88), ela coordenou os dois gabinetes e ampliou seu poder junto a Fernando Henrique.

Divorciada e mãe de três filhos, a assessora participou ativamente da campanha do candidato do PSDB à Presidência, atuando como coordenadora do atendimento político. Pelas suas mãos, passou uma legião de préfeitos, parlamentares e governadores que buscavam informações ou audiências com Fernando Henrique. Ela é irmã de Eduardo Jorge, o novo secretário-geral da Presidência.